

Ministro reafirma: nada de dolarização ou congelamento

SÃO PAULO — O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, descartou ontem o anúncio de qualquer medida de impacto — como dolarização, prefixação de preços ou confiscos — no pronunciamento que fará segunda-feira. Ele reafirmou que as prioridades do Governo são o ajuste orçamentário, a rolagem da dívida de estados e municípios e o saneamento dos bancos estaduais.

— Não vou anunciar nenhuma medida de impacto. Não adianta colocar o carro na frente dos bois. A medida que for ficando bem claro para mim o que deve ser feito vou dizendo ao país — afirmou.

O ministro disse que pedirá o apoio da sociedade, dos partidos políticos, do presidente da República e dos ministros, porque a situação do Brasil é de dificuldade em razão da inflação e da falta de investimentos públicos. Para ele, é fundamental que haja uma disciplina que faça a máquina do Estado funcionar.

— Mostrando os números com honestidade as pessoas vão ver que eu não estou querendo fazer corte nenhum. Se não tem dinheiro, não tem o que fazer — ressaltou, acrescentando que será mantido o compromisso com o programa de combate à pobreza, o apoio à agricultura e o financiamento da safra.

Segundo Fernando Henrique, a ligeira recuperação econômica iniciada no final do ano passado deverá ser mantida com a disciplina nos gastos públicos.

— Temos que criar condições de investimento para haver expansão de emprego — disse o ministro, explicando que isso inclui uma tendência de queda na taxa de juros, o que depende de o Estado não estar tão comprometido com financiamentos bancários. Outra frente de ação do Governo, anunciada pelo ministro, é o combate à sonegação.

— Precisamos ser duros nessa questão. A Receita Federal está preparando medidas que serão apresentadas no decorrer da próxima semana — afirmou.

Claudio Rossi



Fernando Henrique: nada de choques

O choque e o medo dele

DEPOIS de cinco choques, a economia brasileira deveria estar duplamente vacinada: contra o choque e contra o medo do choque.

NO entanto, se a pressão da inflação aumenta, ou o Governo prepara medidas de austeridade — que deveriam ser absolutamente rotineiras — ressurgem boatos de choques de todo tipo de volta-gem.

SÃO rumores sem qualquer base concreta. Mas alimentados o fato de que alguns economistas e tecnocratas ainda não descartaram inteiramente o choque como hipótese de trabalho.

É FALTA de memória. A desastrosa experiência brasileira na heterodoxia deveria ter dado um ponto final suficientemente enfático a essa história. Alguém ainda ignora que os efeitos positivos de um choque são pequenos e de curta duração, enquanto as seqüelas negativas se mostram duradouras, senão irreversíveis?

A INFLAÇÃO brasileira tem forte componente inercial, que se lastreia na indexação. Mas esse processo não pode ser desarmado sem que seja atacado no cerne: o desequilíbrio crônico das finanças governamentais, que deixou o setor público sem crédito (em todas as definições do termo).

O CHOQUE que se deve esperar, portanto, é o nas finanças públicas, e ortodoxo, visando simplesmente a compatibilizar receita e despesa, sem desperdício nem efeitos pirotécnicos.